

# A imagem da economia brasileira: ruim.

63 MAR 1983

**Reali Júnior, de Paris.**

"Brasil: o carnaval acabou." Esse é o título do artigo publicado ontem pelo jornal conservador francês *Le Figaro*, analisando a evolução política e econômica do Brasil.

Nos últimos meses, a repercussão positiva da realização de eleições livres em todo o País não tem sido suficiente para promover uma imagem brasileira favorável junto à Imprensa européia em geral. A maior parte dos jornais, sejam ingleses, franceses ou alemães, tem destacado não apenas as enormes dificuldades financeiras que o País atravessa, mas também a série de escândalos e irregularidades administrativas envolvendo altos escalões da república. Se ontem o *Figaro* procurou fazer um balanço da situação brasileira — econômico e político — há dias foi o *Le Monde* que revelou para o público francês os detalhes do *affaire Baumgarten*.

O articulista do jornal francês afirmou ontem que o Brasil caminha a ritmo de empréstimos, austeridade e escândalos e isso apesar dos novos empréstimos recebidos na semana passada, em Nova York, que vão acalmar o clima tempestuoso dos últimos tempos.

## O maior problema

De todos os problemas, o mais grave para quem lê a imprensa européia parece ser o da credibilidade do governo. O matutino francês lembra ontem que, há um ano, quando se indagava nos corredores do Ministério do Planejamento se o Brasil iria recorrer ao FMI, os responsáveis pelas finanças brasileiras respondiam taxativamente: "Não pretendemos apelar para empréstimos especiais, pois não se trata de uma solução. Mesmo na pior época nada solicitamos ao Fundo".

Tais declarações foram feitas antes das eleições de novembro, quando três palavras não podiam ser pronunciadas: bancarrota, desvalorização e inflação. Mas a verdade é que ninguém duvidava de que, passada as eleições, a crua realidade apareceria, agravada pelo fato de providências urgentes terem sido adiadas para o período posterior às eleições. Desde a publicação do relatório de setembro pelo Ministério do Planejamento, sobre os 104 mais importantes projetos de investimento, já se sabia que a situação era catastrófica.

O País necessitava de cem bilhões de dólares de investimentos para desenvolvê-los. Isso explica a brusca desaceleração da maioria e a interrupção de outros, tais como os ambiciosos programas: nuclear, telecomunicações, Itaipu e outros. Os jornais franceses citam também o caso Capemi e a sustação do financiamento que havia sido obtido pelo grupo Lazard, para a retirada da madeira de Tucuruí.

Suas consequências e as denúncias do jornalista Alexandre von Baumgarten responsabilizando autoridades militares do regime por seu assassinato são comentários feitos freqüentemente pela Imprensa europeia ao descrever a situação atual do País. A chamada imagem brasileira no Exterior está sendo hoje atingida por todos esses fatos. O comentário final do artigo do *Le Figaro* resume bem essa impressão: "Além de um balanço econômico negativo e dos escândalos que provocam o descrédito do grupo que cerca o presidente, a abertura do Congresso, que não mais é totalmente dominado pelo partido do governo, poderá servir de caixa de ressonância para todos os descontentamentos, no momento em que o País inicia uma nova etapa da abertura democrática: a da escolha do sucessor do presidente João Figueiredo".

Essa série de artigos sobre a evolução da situação no Brasil surge no momento em que, na França, diversos ministros preparam suas viagens a Brasília, numa tentativa de restabelecer as boas relações na área de cooperação entre os dois países, ocorrida em passado recente. É verdade que os tempos mudaram e os franceses, mesmo continuando muito interessados em desenvolver suas relações com o Brasil, estão sendo aconselhados a adotarem uma atitude mais prudente em termos de novos financiamentos, mas gostariam de ver concluídas favoravelmente as negociações para a venda de aviões Airbus para a Vasp, após terem perdido para o Canadá a concorrência para a instalação de um satélite de telecomunicações.

Em março, está marcada a visita do embaixador itinerante para a América Latina, Antoine Blanca; em abril, a do ministro do Exterior, Claude Cheysson; e, em julho, do ministro da Indústria, Jean Pierre Chevennement. Todos eles vão começar a preparar a própria viagem do presidente François Mitterrand, já prevista para o final do ano ou começo de 84, mas cuja data não foi ainda fixada definitivamente.